

Desafios da comunicação de risco em desastres: relato da experiência da formação de professores do Previne Taquari-Antas¹

Stéfani FONTANIVE²

Daniela MONTEIRO³

Ana Karin NUNES⁴

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS

Resumo

Este artigo tem por objetivo abordar a Etapa 2 - Formação e Troca de Saberes, eixo comunicação de risco, do projeto de formação desenvolvido com professores das Escolas da rede básica de ensino dos municípios de Santa Tereza e Muçum (RS), no âmbito do Projeto de Pesquisa Previne Taquari-Antas. O Projeto tem abordagem multidisciplinar, com metodologias e estratégias baseadas no princípio da ciência cidadã. Os resultados do projeto de formação desenvolvido com os professores demonstram a necessidade de fortalecimento de sistemas comunitários de comunicação de risco, de combate à desinformação, de alfabetização midiática nas escolas e de recuperação da relação de confiança entre órgãos governamentais e sociedade.

Palavras-chave: comunicação de risco; sistemas de alerta comunitários; desinformação, confiança social.

Introdução

O Projeto de Pesquisa Previne Taquari-Antas, iniciado em março de 2025, coordenado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), é financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (FAPERGS) e conta com a atuação de um grupo de pesquisadores com formação multidisciplinar, reunindo seis instituições de ensino e pesquisa. O foco é a região da Bacia Hidrográfica do Rio Taquari-Antas, a qual

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Pesquisa Comunicação Organizacional, Cultura e Cidadania, atividade integrante do XX Congresso Brasileiro Científico de Comunicação Organizacional e Relações Públicas.

² Doutoranda em comunicação no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação (Fabico) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e Bolsista de Pesquisa, Desenvolvimento Tecnológico e Inovação 3 (PDTI 3) da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (FAPERGS), email tefifontanive@gmail.com.

³ Graduanda em Relações Públicas na Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação (Fabico) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e bolsista de Iniciação Científica da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (FAPERGS), e-mail: danigmont245@gmail.com.

⁴ Professora e Pesquisadora da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação (Fabico) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), e-mail ana.karin@ufrgs.br.

concentra dezenas de municípios do interior do Estado do Rio Grande do Sul (RS). Embora a região tenha registros de uma série histórica de 87 anos de enchentes, inundações e enxurradas, foi nos anos de 2023 e de 2024 que a população local vivenciou os desastres de maior magnitude (Nunes e Monteiro, 2025).

A comunicação de risco é um dos eixos estratégicos e estruturantes do Projeto, tanto no sentido de auxiliar na construção de soluções efetivas para e com a população local, na perspectiva da ciência cidadã, quanto de desenvolver metodologias e protocolos inovadores de prevenção, mitigação, preparação, resposta e recuperação de desastres relacionados a eventos climáticos extremos. Neste artigo aborda-se a Etapa 2 - Formação e Troca de Saberes, explicitando como foi concebida e implementada uma formação em comunicação de risco, para professores da educação básica, no âmbito do Projeto Previne Taquari-Antas.

Projeto com as Escolas: estrutura e metodologia

O Projeto de Pesquisa Previne Taquari-Antas tem abordagem multidisciplinar, com objetivo geral de desenvolver estratégias e propor soluções voltadas ao mapeamento de riscos, à prevenção, ao alerta e à resposta a eventos extremos geo-hidrológicos, com vistas à gestão de riscos e redução de danos provocados por inundações, enxurradas e movimentos de massa.

A proposta formativa está fundamentada no princípio da ciência cidadã (Parra, 2015), que pressupõe a participação ativa da comunidade na produção do conhecimento, e em abordagens da comunicação de risco que enfatizam a importância da construção de confiança, da circulação qualificada de informações e do enfrentamento à desinformação em contextos de crise. Além de debater a comunicação de risco e a desinformação, buscou-se promover a escuta ativa sobre comunicação em momentos de crise, tal como propõem Carusi e Knighten (2024).

O projeto de formação com as escolas foi construído visando um programa de formação junto às redes municipal e estadual, tendo como foco professores e estudantes da rede básica de ensino. Busca-se tanto promover o entendimento do papel estratégico da comunidade escolar na multiplicação do conhecimento na comunidade. O projeto foi estruturado em quatro etapas. A Etapa 1 - Mobilização e Planejamento Participativo estabeleceu as bases institucionais e comunitárias para as ações, em 2025. A Etapa 2 - Formação e Troca de Saberes, se constituiu em um curso de extensão para formação dos professores. Por meio de oficinas participativas, em fevereiro de 2026, buscou-se integrar o conhecimento técnico-científico ao saber local e pedagógico dos professores.

Os encontros de formação com os professores foram organizados nos eixos temáticos: Dinâmicas do Território e da Natureza; Prevenção, Monitoramento e Articulação; e Comunicação de Riscos. O eixo de comunicação de risco buscou capacitar os professores a atuarem como mediadores informados, instrumentalizando-os a interpretar criticamente os fluxos informativos e produzir ativamente conteúdos confiáveis que fortaleçam a segurança da comunidade escolar. Ao todo foram capacitados 77 professores.

A Etapa 3 - Implementação da Ciência Cidadã, trata do engajamento dos estudantes em atividades propostas pelas escolas. A Etapa 4 - Socialização e Disseminação do Conhecimento tem previstas a oferta de mostras do conhecimento e multiplicação de saberes entre escolas e comunidade local.

Discussão dos resultados preliminares

A Etapa 2 - Formação e Troca de Saberes, eixo comunicação de risco foi desenvolvida pelas pesquisadoras de Comunicação do Projeto. Os temas selecionados para o debate geraram grande interação entre os professores: comunicação de risco e comunicação de risco em desastres; percepção de risco; funcionamento das redes sociais e de seus algoritmos; desinformação e *fake news*; alfabetização midiática; práticas de checagem de informações; e análise dos sistemas oficiais e comunitários de alerta.

A metodologia adotada nas oficinas foi expositiva-dialogada (Fonseca, 2008). Ao mesmo tempo em que os assuntos eram expostos, manteve-se a possibilidade de intervenção permanente. A atividade iniciou com o questionamento: “Por que falar de desinformação na Bacia do Taquari-Antas?”. A metodologia favoreceu a interação entre os professores, estimulando relatos de experiências locais e reflexões críticas sobre os fluxos informacionais vivenciados durante os eventos extremos recentes na Bacia do Taquari-Antas. Ressalta-se que as atividades foram gravadas mediante consentimento e assinatura de termo pelos participantes.

No que diz respeito à desinformação e às *fake news*, os conceitos apresentados foram fundamentados em Recuero (2024), Cesarino (2022) e Dourado (2021). Já a discussão sobre midiatização e o papel da mídia na sociedade teve como base Poell, Nieborg e Van Dijck (2020). Para a abordagem da checagem de informações, as referências foram portais especializados, como Aos Fatos e Lupa.

Percebeu-se, desde o início da formação, que a comunicação se configurava como um eixo central de preocupação da comunidade escolar. Expressões como “não houve comunicação” e “a comunicação é muito importante nesse momento” foram reiteradas em diferentes falas, evidenciando a percepção coletiva de falhas e lacunas nos processos comunicacionais durante os eventos extremos. A comunicação de instituições como o Governo do Estado do RS e a Defesa Civil foram mencionadas pelos participantes. Observou-se um fenômeno a ser aprofundado: a recorrência dos eventos de 2023 e 2024, somada às dificuldades comunicacionais enfrentadas no período, parece ter contribuído para a constituição de uma crise de credibilidade dessas instituições junto à população.

Os professores também trouxeram dois pontos sobre os sistemas de alerta. Um deles diz respeito à comunicação sonora realizada de forma comunitária, por meio do toque dos sinos da igreja em Muçum, por exemplo, quando o rio começava a subir, uma estratégia tradicional de alerta que mobilizava a população local. O segundo ponto trata da memória social, no sentido de que havia a percepção de que “o rio nunca tinha subido tanto” e, por essa razão, não se acreditava que atingiria determinados níveis. Essa confiança na experiência passada, ancorada em referências históricas locais, contribuiu para a subestimação do risco iminente, principalmente em setembro de 2023. Uma professora relatou que foi até à casa de colegas e amigos avisar sobre o perigo, mas eles não acreditaram. Ambos os aspectos evidenciam como práticas comunicacionais, memórias coletivas e percepções de risco se articulam na forma como as comunidades interpretam e respondem a eventos extremos.

No que se refere aos sistemas de alerta atuais, os participantes identificaram como principais fontes oficiais a Defesa Civil, as Prefeituras, os avisos via cell broadcast, as rádios locais e os perfis institucionais em redes sociais digitais. Entretanto, relataram que durante os momentos mais críticos dos desastres, esses canais nem sempre foram percebidos como suficientes ou confiáveis. Nessas circunstâncias, destacaram-se como mais acionadas e consideradas eficazes as redes comunitárias informais, vizinhos, sinais sonoros tradicionais operados por lideranças locais, reconhecidas como figuras de confiança.

Outro ponto central da discussão foi a desinformação. Os relatos dos participantes indicaram que mensagens de teor alarmista tendem a gerar maior engajamento e rápida disseminação, especialmente em grupos de aplicativos de mensagens e redes sociais digitais. Em contextos de crise, o medo e a urgência reduzem o tempo de reflexão crítica, favorecendo

a circulação de boatos que comprometem a confiança em instituições oficiais, desmobilizam ações controladas e colocam vidas em risco.

A discussão sobre o funcionamento das plataformas digitais e seus algoritmos também se destacou. Ao compreenderem como a personalização do conteúdo que consomem influencia suas percepções e reforça algumas narrativas, os professores trouxeram a necessidade de desenvolver práticas de educação midiática junto aos estudantes. Como forma de enfrentar a desinformação, ainda que parcialmente, destacou-se que a redução da circulação é fundamental. As orientações relativas à checagem de informação foram apontadas como ferramentas práticas e aplicáveis no cotidiano escolar.

Ao final da oficina, percebeu-se a necessidade dos professores de compartilhar o que aconteceu para que mudanças ocorram. Ademais, registra-se, a fragilidade na relação de confiança entre comunidade e instituições oficiais, ao mesmo tempo em que reforça a relevância das redes de proximidade social e dos saberes locais, apontando para a necessidade de integração entre estratégias institucionais e comunitárias nos processos de comunicação de risco e uma forte crença, ainda, em informações falsas.

Referências

- CARUSI, S.; KNIGHTEN, J. The future of risk communications is community engagement. United Nations Office for Disaster Risk Reduction, 2024. Disponível em: <<https://www.undrr.org/news/future-risk-communications-community-engagement>>.
- CESARINO, Letícia. **O mundo do avesso: verdade e política na era digital**. São Paulo: Ubu, 2022.
- DOURADO, Tatiana. **Fake news: quando mentiras viram fatos políticos**. Porto Alegre: Zouk, 2021.
- FONSECA, TM de M. Ensinar e Aprender: Pensando a prática pedagógica. Ponta Grossa: SEED/PR, p. 1782-6, 2008. Disponível em: <<https://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1782-6.pdf>>.
- NUNES, Ana Karin; MONTEIRO, Daniela Guimarães. Comunicação de risco na perspectiva da ciência cidadã: a experiência do Projeto Previne Taquari-Antas. **Anais do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, setembro de 2025. Disponível em: <<https://sistemas.intercom.org.br/pdf/submissao/nacional/23/07082025165425686d77710202b.pdf>>
- PARRA, Henrique Z. M. Ciência cidadã: modos de participação e ativismo informacional. In: ALBAGLI, S.; MACIEL, M.L.; ABDO, A.H. **Ciência aberta, questões abertas**. Rio de Janeiro: Unirio, 2015, pp.121-142.
- POELL, Thomas; NIEBORG, David; VAN DIJCK, José. Plataformização. **Revista Fronteiras**, v. 22, n. 1, 2020.
- RECUERO, Raquel. **A rede da desinformação: sistemas, estruturas e dinâmicas nas plataformas de mídias sociais**. Porto Alegre: Sulina, 2024.